



CLIMA

Moradores do semiárido nordestino lutam para se adaptarem às mazelas da estiagem, a mais severa dos últimos 30 anos. Porém, garantem estar mais fácil sobreviver na região. Especialistas dizem que o período, que é cíclico, ainda deve durar até 2016

Além da vida seca

» PAULA FILIZOLA
ENVIADA ESPECIAL

Picos (PI) — Dois mil e doze. Para famílias do semiárido nordestino o ano ficará marcado por uma das piores secas da história. Entretanto, o drama de retirantes descrito no romance da literatura nacional *Vidas Secas*, publicado em 1938 pelo escritor alagoano Graciliano Ramos, não é mais tão presente. O abandono de residências é bem menos frequente e a população não precisa migrar para sobreviver à estiagem.

Apesar de melhorias e de estarem acostumados com o fenômeno, que é cíclico, 2012 será recordado com tristeza. Até o momento, 1.187 municípios tiveram a situação de emergência decretada pelo governo federal. Mesmo quem já viveu para contar períodos históricos da estiagem, caso da aposentada Maria Francisca de Carvalho Costa, 74 anos, não hesita em garantir que passa agora pelo momento mais severo. "Já vi duas grandes secas, mas não como essa. Não choveu de jeito nenhum." E ela sabe que 2013 será pior, pois sem chuva as famílias não conseguiram plantar nada para colher no ano que vem. Levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que

as perdas das culturas de milho, feijão e arroz superam 80%.

Matriarca de uma família de 11 pessoas, Maria Francisca reclama da falta de água. Moradora da comunidade Deserto, no município rural de Massapê, a 388km de Teresina (PI), ela conta que a última chuva forte que "deu para encher as cisternas" foi em novembro do ano passado. O normal da região são oito meses sem precipitações. Porém, este ano, ainda não caiu uma gota.

Ainda assim, a aposentada garante que a sobrevivência no semiárido melhorou, principalmente, por causa da água trazida pelos carros-pipa e pelas cisternas, instaladas pelo programa Um Milhão de Cisternas (PIMC). A iniciativa é parceria do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e com a rede de mais de 750 grupos da sociedade civil, unidos por meio da organização Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA). "As cisternas melhoraram bastante e não falta comida. Os animais também sofrem menos", comenta.

Em uma comunidade próxima à de Maria Francisca vive a família de José Benedito dos Santos Neto. O pedreiro de 42 anos mora com a mulher, Antonieta, três filhos e uma idosa. Eles também são beneficiários do PIMC, que distribui cister-

nas de 16 mil litros. Antes da instalação, José lembra que a família chegava a andar mais de 3km para cavar buracos no chão e conseguir água. Com a mudança, até o desempenho dos filhos melhorou na escola — fenômeno revelado em pesquisa de 2007 da Federação Brasileira dos Bancos (Febraban), que aponta que crianças e adolescentes com cisternas em casa são mais presentes nas instituições de ensino.

Atualmente, a propriedade da família tem também a cisterna calçada, que junta água da chuva para lavar roupa, tomar banho e outras funções. O sistema ainda não funciona, porque, desde a instalação, não chove. O programa de benefícios da ASA — para o qual todos os beneficiários são capacitados — garante que as famílias ganhem, além das cisternas, canteiros produtivos. Antonieta tem três e cuida deles com dedicação. No entanto, por causa da falta de água só um tem mudas crescendo.

As tecnologias de convivência com o semiárido são, na opinião de José, um dos motivos da melhora na qualidade de vida. O outro é o programa de transferência de renda do governo federal, Bolsa Família. "Com essas ajudas, melhorou bastante. Quem mora na zona rural passa necessidade ainda, mas fome não", garante o pedreiro, que recorda as piores

estiagens que já enfrentou: 1983, 1993 e a de agora.

Deficit hídrico

O quadro é alarmante. Dados meteorológicos já classificam a atual seca como a mais severa dos últimos 30 anos. O fenômeno climático, porém, obedece a padrões. Sua ocorrência está enraizada na história do Brasil com registros de secas no Nordeste desde o povoamento pelos portugueses há mais de 500 anos (veja arte). Estudos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) mostram que o mais comum na região é que a seca se manifeste de duas formas: de 10 a 13 anos ela obedece a um ciclo moderado, que, em alguns casos, pode chover e até causar inundações; e outra ocorre a cada 26 anos. Nesses casos, a seca pode se prolongar por até seis anos.

Desde 2005, o Nordeste brasileiro apresenta esse padrão. Isso não quer dizer, porém, que não chova. Chove, mas abaixo da média natural. A região apresenta o déficit hídrico — a quantidade de água que se evapora é três vezes maior do que a de precipitações que caem. E a situação tende a piorar. A meteorologia estima que chuvas vigorosas só molharão as terras do Nordeste daqui a quatro anos. Até lá, o nordestino terá de ser ainda mais guerreiro.

Paula Filizola/CB/D.A Press



Dos três canteiros de Antonieta, apenas um está produzindo mudas

Cisternas deformadas

Para quem vive no sertão nordestino, ter uma cisterna representa mais tranquilidade nos períodos de estiagem. No entanto, em algumas regiões, os reservatórios estão se tornando um problema. Há dois modelos de cisternas sendo instaladas pelo governo federal: as de placa de cimento e as de polietileno. Por causa do extremo calor, as feitas de plástico estão deformando.

Segundo o último balanço do Ministério da Integração, foram instalados 9.444 reservatórios

de polietileno, que custam em média R\$ 5 mil. Desse total, o município de Petrolina (PE), dispara na frente com 3,769, seguido por Alagoas, com 2,155, e Bahia, 1,036. Levantamento da pasta indica que 41 cisternas ficaram deformadas até o momento, sendo duas em Cedro (PE) e 39 em Paulistana (PI). A pasta informou que os reservatórios defeituosos serão trocadas sem custo e ajustes para corrigir as deformações estão sendo promovidos.

»» Investimentos

O governo federal tem disponibilizado, por meio do Banco do Nordeste, linha de crédito de R\$ 1 bilhão para apoiar empreendedores e agricultores dos estados prejudicados. Segundo o Ministério da Integração mais de 900 mil agricultores serão beneficiados neste mês pelos auxílios da Garantia-Safra e Bolsa Estiagem. Cerca de R\$ 100 milhões foram disponibilizados para reforçar a distribuição de água por meio de carro-pipa. No programa Água para Todos serão investidos R\$ 800 milhões para instalação de cisternas, barreiros e sistemas simplificados de abastecimento.



Região de agricultores

Segundo dados do Ministério da Integração Nacional, o semiárido brasileiro compreende 1.133 municípios, em nove estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Na região, vivem 2 milhões de famílias agricultoras, representando 42% da agricultura familiar do país.

Histórico de estiagens

■ Uma das primeiras secas registradas no país foi entre 1580 e 1583, quando os índios viviam no semiárido. Houve migração e as capitanias tiveram seus engenhos destruídos.

■ Na Colônia, a seca de 1721 preocupou a corte portuguesa. Na época foi estabelecida multa para quem não plantasse mandioca.

■ No império houve a chamada "grande seca", que durou mais de 2 anos. Estima-se que mais da metade da população do Ceará — 800 mil habitantes —, foi dizimada. Após a catástrofe, criou-se uma comissão imperial. Entre as medidas estavam adaptação de camelos à região, construção de ferrovias e açudes, além da abertura de um canal para levar água do Rio São Francisco a outros rios.

■ De 1900 a 1958, o governo liberou crédito extraordinário para o Nordeste em quatro grandes estiagens.

■ Em 1932, surgiu a "indústria da seca". As oligarquias da região usavam recursos do governo em benefício próprio, com o pretexto de combater as mazelas do fenômeno climático.

■ A estiagem de 1958 foi uma das piores registradas, afetando mais de 500 mil pessoas. O governo distribuiu vacinas, medicamentos e alimentos.

■ Em 1959, a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) foi criada para cooperar com órgãos locais.

■ Em 1962, surgem os primeiros registros do governo de envio de carros-pipa para a região. BA, PB, RN e PE decretaram estado de calamidade.

■ De 1962 a 1970, a União liberou três vezes crédito extraordinário para ajudar no combate à estiagem.

■ Em 1979, o Nordeste enfrentou uma seca destruidora que durou cinco anos. Dados oficiais revelam que 3,5 milhões de pessoas morreram por causa de enfermidades e desnutrição.

■ A partir da década de 90, o fenômeno voltou a se repetir, com mais intensidade em 1993, 1998 e 2001. No fim da década de 1990, Pernambuco viveu o pior racionamento de água da história: a região metropolitana, incluindo Recife, passou a receber água encanada uma vez por semana.

■ Em 2001, aliada à crise de energia elétrica que colocava em risco o abastecimento no país, o Rio São Francisco agonizou com a maior seca da história.

■ Em 2007, o projeto de transposição do Rio São Francisco teve início. O então presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, disse que a proposta iria "levar uma caneca de água a quem tem sede".

Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)

Julio Lapagasse/CB/D.A Press

»» DEU NO www.correiobraziliense.com.br

Para saber mais sobre essas notícias, acesse www.correiobraziliense.com.br

Hebe Camargo tem alta de hospital em São Paulo

A apresentadora Hebe Camargo (foto), 82 anos, deixou o hospital na tarde de ontem. A assessoria de imprensa do Hospital Israelita Albert Einstein, na Zona Sul de São Paulo, confirmou a saída de Hebe, mas, a pedido de familiares, não informou o motivo da internação, realizada na última sexta-feira. Recentemente, a apresentadora passou um período sob supervisão médica na unidade de saúde devido a uma cirurgia de emergência para retirada da vesícula. Desde 2010, Hebe enfrenta um câncer no peritônio, membrana que envolve os órgãos do aparelho digestivo.

45 DIAS

Tempo de duração da vigília realizada por médicos e funcionários do Instituto de Assistência dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro (Iaserj), que lutam contra a desativação do hospital e a demolição do prédio. Segundo a presidente da Associação de Funcionários do Iaserj, Mariléa Ormond, o movimento vai continuar. Na noite de sábado, policiais militares fizeram a transferência de 45 pessoas internadas para outros hospitais estaduais. Oito pacientes com doenças altamente infecciosas, como meningite e leptospirose, ainda permanecem no edifício. Em 2008, o terreno do Iaserj foi cedido ao Instituto Nacional do Câncer (Inca). No local, vai funcionar um centro de tratamento e pesquisa do câncer.

Criança de nove meses é baleada na porta de casa na Paraíba

Um bebê de nove meses foi atingido por um tiro na porta de casa na tarde de ontem em João Pessoa (PB). De acordo com a polícia, dois suspeitos de participarem do crime foram presos. Eles teriam tentado matar um outro homem, por acerto de contas de drogas, e acabaram atingindo a criança. O bebê foi socorrido e levado para o hospital Ortopedia de Mangabeira. Segundo os médicos, ele não corre risco de morte.

Mulher atropela duas adolescentes e cai em córrego em Curitiba

Uma motorista de 32 anos atropelou duas adolescentes em Curitiba (PR) na tarde de ontem, e, em seguida, caiu com o carro em um córrego. Segundo testemunhas, a condutora perdeu o controle do veículo em uma curva e atingiu as duas meninas, de 15 e 13 anos. O estado de saúde das vítimas não foi divulgado até o fechamento desta edição. Elas foram encaminhadas para o Hospital do Trabalhador. Mais cedo, por volta das 12h30, um homem foi atropelado também em Curitiba e morreu na hora.

